

BOLETIM ECONÔMICO

SETOR DE PRODUTOS
PARA A SAÚDE NO BRASIL



EDIÇÃO: 06 | MAIO 2014

JANEIRO-MARÇO 2014

PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA E VENDAS NO COMÉRCIO

A fabricação de instrumentos e materiais para uso médico e odontológico e de artigos ópticos, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), cresceu 15,33% no primeiro trimestre de 2014, em relação ao mesmo período de 2013.

Já as vendas no comércio varejista de artigos farmacêuticos, médicos e ortopédicos, segundo Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), realizada pelo IBGE, apresentaram crescimento de 12,72% de janeiro a março de 2014 frente ao mesmo período do ano anterior.



TABELA 01: DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E DAS VENDAS

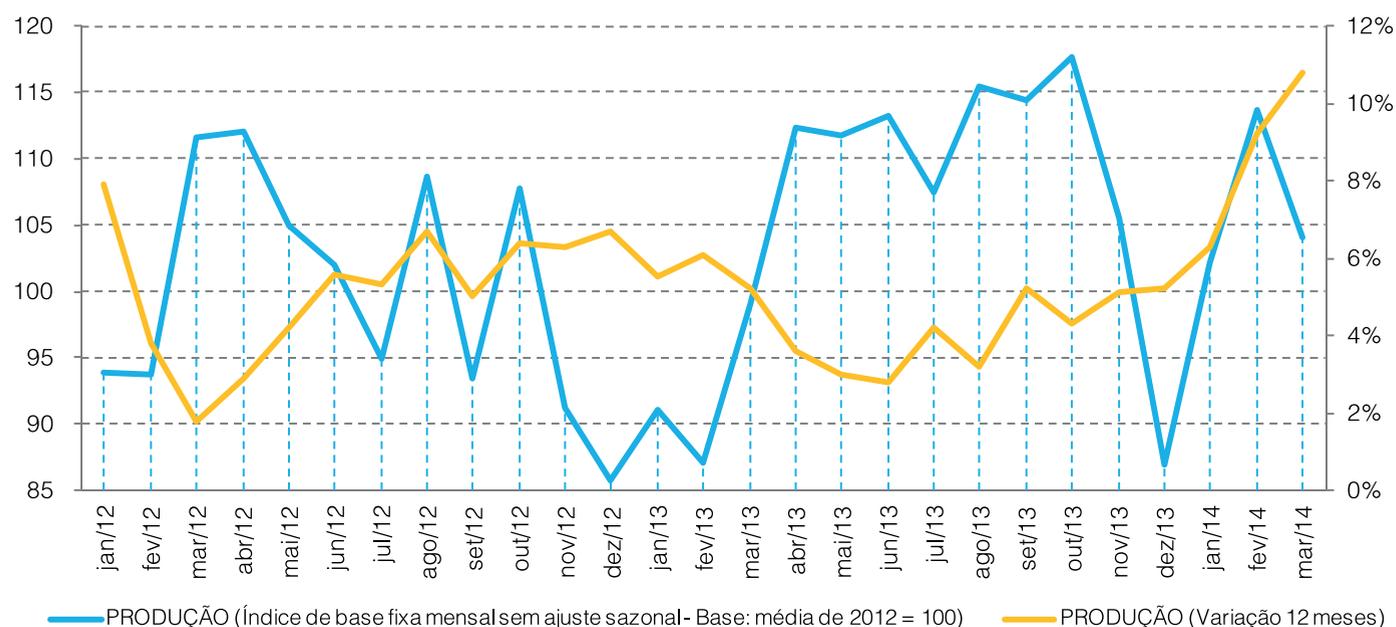
VARIAÇÃO PERCENTUAL | JANEIRO A MARÇO DE 2014

PRODUÇÃO E VENDAS	VARIAÇÃO NO MÊS	VARIAÇÃO NO PERÍODO	VARIAÇÃO EM 12 MESES
	MAR14/ MAR13	JAN-MAR14/ JAN-MAR13	ABR-MAR14/ ABR-MAR13
PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA			
EQUIPAMENTOS DE INSTRUMENTAÇÃO MÉDICO-HOSPITALAR, ÓPTICOS	5,05%	15,33%	10,76%
VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA			
ARTIGOS FARMACÊUTICOS, MÉDICOS E ORTOPÉDICOS	9,58%	12,72%	11,43%

FONTE: PIM-PF/IBGE E PMC/IBGE | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

GRÁFICO 01: DESEMPENHO MENSAL DA PRODUÇÃO

EM NÚMERO ÍNDICE E EM VARIAÇÃO PERCENTUAL | JANEIRO DE 2012 A MARÇO DE 2014



FONTE: PIM-PF/IBGE E PMC/IBGE | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

DESEMPENHO DO EMPREGO NO SETOR

No primeiro trimestre de 2014, segundo dados do CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego, foram gerados 1.858 novos empregos nas atividades industriais e comerciais do setor de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico, totalizando 130.568 empregados no setor, número que não inclui os empregados em serviços de complementação diagnóstica e terapêutica. A geração de novos empregos no período cresceu 3,87% em relação ao primeiro trimestre de 2013. Entre os segmentos do setor, destacam-se o mercado atacadista de máquinas e aparelhos para uso odontológico, médico e hospitalar, com

o incremento de 5,4% na oferta de vagas, e os serviços de complementação diagnóstica, com o crescimento de 5,1% no período em questão. Em 12 meses (abril/13 a março/14), o emprego no setor cresceu 6,24%, na comparação com igual período anterior. Em 2013, ainda segundo os dados do CAGED, foram gerados 4.777 novos empregos nas atividades industriais e comerciais do setor de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico. A geração de novos empregos no período foi 7% superior à verificada em 2012.

TABELA 02: EVOLUÇÃO DO EMPREGO NO SETOR

EM NÚMEROS E VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A MARÇO DE 2014

SEGMENTOS	EM NÚMEROS	VARIAÇÃO PERCENTUAL	
	EMPREGADOS EM MARÇO DE 2014	JAN14-MAR14/ JAN13-MAR13	ABR13-MAR14/ ABR12-MAR13
INDÚSTRIA DE INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA USO MÉDICO E ODONTOLÓGICO E DE ARTIGOS ÓPTICOS	53,6 mil	2,7%	6,8%
INDÚSTRIA DE APARELHOS ELETROMÉDICOS E ELETROTERAPÊUTICOS E EQUIPAMENTOS DE IRRADIAÇÃO	5,5 mil	2,6%	0,8%
COMÉRCIO ATACADISTA DE INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA USO MÉDICO, CIRÚRGICO, ORTOPÉDICO E ODONTOLÓGICO	38 mil	5,4%	7,6%
COMÉRCIO ATACADISTA DE MÁQUINAS, APARELHOS E EQUIPAMENTOS PARA USO ODONTO-MÉDICO-HOSPITALAR (PARTES E PEÇAS)	10 mil	4,2%	6,7%
COMÉRCIO VAREJISTA DE ARTIGOS MÉDICOS E ORTOPÉDICOS	23,5 mil	4,3%	3,9%
SERVIÇOS DE COMPLEMENTAÇÃO DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA	197,2 mil	5,1%	7,8%

FONTE: CAGED/MTE E RAIS 2011 | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

PREÇOS DOS PRODUTOS PARA A SAÚDE

No primeiro trimestre de 2014, frente ao mesmo período de 2013, os preços de hospitalização e cirurgia tiveram um incremento de 1,53% e os de radiografia de 1,54%, ambos abaixo da variação do IPCA, que atingiu a marca de 2,18% no período. O maior reajuste de preços, de 1,9%, ocorreu no segmento de artigos ortopédicos. Na comparação dos números em 12 meses, os preços de hospitalização e cirurgia apresentaram o maior reajuste (6,57%), seguidos por exames laboratoriais, com aumento de 5,18%. Com exceção de hospitalização e cirurgia, os reajustes no período foram inferiores ao IPCA em todos os segmentos.

TABELA 03: PREÇOS DOS PRODUTOS

VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A MARÇO DE 2014

PREÇOS (IPCA)	VARIAÇÃO NO MÊS	VARIAÇÃO NO PERÍODO	VARIAÇÃO EM 12 MESES
	MAR14/ FEV14	JAN14-MAR14/ JAN13-MAR13	ABR13-MAR14/ ABR12-MAR13
ARTIGOS ORTOPÉDICOS	1,08%	1,90%	4,92%
EXAMES DE LABORATÓRIO	0,61%	1,75%	5,18%
HOSPITALIZAÇÃO E CIRURGIA	0,73%	1,53%	6,57%
RADIOGRAFIA	0,85%	1,54%	4,83%
IPCA	0,92%	2,18%	5,99%
TAXA DE CÂMBIO	-2,42%	-0,83%	17,31%

FONTE: IPA/ FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

COMÉRCIO INTERNACIONAL NO SETOR

As exportações do setor alcançaram US\$ 234 milhões no primeiro trimestre de 2014, o que representou recuo de 14,52% em relação a igual período do ano anterior. As importações de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico, no mesmo período, totalizaram o valor de US\$ 1,7 bilhão, com incremento de 3,32% em relação ao primeiro trimestre de 2013. De janeiro a março de 2014, houve redução nas importações em praticamente todos os grupos de produtos, com destaque para o capítulo 9022 da NCM (aparelhos de raios X e que utilizam radiações), com queda de 13,9% nas compras externas no período. Somente o capítulo

9018, que engloba os instrumentos e aparelhos para medicina, cirurgia, odontologia e veterinária, apresentou incremento nas importações, mas de

apenas 0,4%. No período de 12 meses, contudo, conforme mostra a Tabela 4, houve crescimento das importações em todos os capítulos.



TABELA 04: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NOS GRUPOS DE PRODUTOS

EM MILHÕES DE DÓLARES E VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A MARÇO DE 2014

SEGMENTOS		VARIAÇÃO NO MÊS	VARIAÇÃO NO PERÍODO	VARIAÇÃO EM 12 MESES
		MAR14/FEV14	JAN14-MAR14/ JAN13-MAR13	ABR13-MAR14/ ABR12-MAR13
NCM 9018: INSTRUMENTOS E APARELHOS PARA MEDICINA, CIRURGIA, ODONTOLOGIA E VETERINÁRIA	MILHÕES DE US\$	116	362	1.506
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-10,5%	0,4%	10,3%
NCM 9021: ARTIGOS E APARELHOS ORTOPÉDICOS (INCLUÍDAS AS CINTAS E FUNDAS MÉDICO-CIRÚRGICAS E AS MULETAS), ETC	MILHÕES DE US\$	56	186	763
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-16,9%	-1,7%	1,5%
NCM 9022: APARELHOS DE RAIOS X E APARELHOS QUE UTILIZEM RADIAÇÕES ALFA, BETA OU GAMA	MILHÕES DE US\$	25	82	343
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-14,7%	-13,9%	4,7%
NCM 9027: INSTRUMENTOS E APARELHOS PARA ANÁLISES FÍSICAS OU QUÍMICAS	MILHÕES DE US\$	52	153	686
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-3,5%	-13,2%	2,9%
MEIOS DE CULTURA E KITS E REAGENTES PARA DIAGNÓSTICO	MILHÕES DE US\$	53	168	752
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-13,2%	-0,8%	5,2%

FONTE: ALICE WEB/ SECEX | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

UM PLANO PARA FORTALECER A CADEIA DE VALOR DA SAÚDE

O setor de materiais e equipamentos médicos e de diagnóstico *in vitro* é um dos mais dinâmicos da indústria de produtos para saúde. A receita de vendas dessa indústria em todo o mundo foi estimada em cerca de US\$250 bilhões, com crescimento anual perto 6%. O Brasil, segundo maior mercado entre os países emergentes, consome US\$ 12 bilhões desses produtos por ano, o que corresponde a 5% da demanda mundial. Mas o pleno aproveitamento do potencial desse mercado no Brasil não está ocorrendo. As compras do SUS respondem, a depender do produto, por algo entre 35% a 65% do mercado. O desabastecimento e a má gestão dos estoques diminuem o ritmo das compras, além de acarretar enormes desperdícios ao sistema.

As despesas totais do governo com a saúde totalizaram R\$ 96,6 bilhões em 2012, correspondentes a 2% do PIB ou ainda a 12,3% do gasto do governo federal, sendo que 50% desses recursos são transferidos para

os municípios, 30% são aplicados diretamente pelo governo federal na área da saúde e os outros 20% são transferidos aos estados da Federação. Desses R\$ 96,6 bilhões, R\$ 18 bilhões são os chamados gastos tributários e referem-se ao abatimento no imposto de renda de pessoas físicas ou de empresas sobre despesas com saúde. No que se refere à repartição dos gastos por função, a atenção básica absorve 21% dos recursos (R\$ 17 bilhões), quase integralmente repassados para os municípios. A assistência hospitalar e ambulatorial consome 54% dos mesmos, sendo transferidos R\$ 35,5 bilhões para a rede de média e alta complexidade.

O Relatório Sistêmico de Fiscalização da Saúde, do Tribunal de Contas da União (TCU), divulgado em março de 2014, trouxe fortes evidências de grande desorganização no fluxo de pacientes, equipamentos e insumos entre as redes de atenção básica, hospitalar, emergências e UTIs.

No Brasil, há 5.856 hospitais que

prestam atendimento à rede do SUS, com 23.755 leitos, dos quais 2.389 (10%) estavam indisponíveis para uso, quando da realização da pesquisa. O maior percentual de bloqueios ocorre nas UTIs para adultos, com 14% dos leitos indisponíveis. Em 2012, segundo o CNES - Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde, foram realizadas 11.092.589 internações no SUS.

A causa apontada como mais frequente para a indisponibilidade de leitos foi a carência de profissionais: 12% desses leitos estavam bloqueados por falta de médicos, 16% devido à ausência de enfermeiros e 18% em decorrência da inexistência de algum outro profissional. Problemas de manutenção ou de estrutura predial foram o segundo motivo apontado (18%). Em seguida, foram citadas questões relacionadas a equipamentos (11% por inexistência e 7% manutenção).

PROBLEMAS NO ATENDIMENTO À POPULAÇÃO

A superlotação dos leitos de internação foi verificada entre os 114 hospitais visitados. E há mais problemas: superlotação das principais emergências hospitalares, com pacientes atendidos ou atendidos em macas ou internados nos corredores das unidades aguardando a realização de cirurgia, quartos com número de pacientes acima do planejado e a permanência de pacientes em leitos após a alta médica. A principal causa da superlotação das emergências apontada foi a baixa resolutividade da atenção básica, o que leva a população a buscar atendimento nos hospitais. A dificuldade de acesso a consultas ambulatoriais com especialistas, exames de diagnóstico e cirurgias eletivas desvia os pacientes para o atendimento de emergência. O TCU entendeu que se a atenção básica cumprisse suas funções na Rede de Atenção à Saúde (ser base, ser resolutiva, coordenar o cuidado e ordenar as redes), a

demanda por atendimentos nas emergências hospitalares seria menor e, conseqüentemente, o custo para o Sistema Único de Saúde também seria reduzido. A falta de vagas em leitos de UTI no SUS também foi observada na maioria dos hospitais visitados e decorre da inexistência dessas unidades, da falta de profissionais ou equipamentos e da gestão/regulação inadequada dos leitos existentes.



INFRAESTRUTURA

MEDICAMENTOS E INSUMOS

O relatório também mostrou a assustadora dimensão da insuficiência de medicamentos e insumos, falta de infraestrutura física, de manutenção de equipamentos e má administração operacional dos estoques de materiais. Nesse sentido, foram verificadas a restrição na realização de procedimentos devido à falta de insumos, bem como a utilização de medicamentos e insumos de alto custo para substituir materiais de baixo custo que se encontravam em falta na unidade. Falhas no processo de licitação e compras foram os motivos mais apontados pelos gestores de hospitais entrevistados para essas ocorrências. O desperdício de medicamentos e insumos foi confirmado em 39% das unidades visitadas. A carência de instrumentos de gestão na área de medicamentos e insumos foi levantada por 53% e a falta de instrumentos e mobiliários básicos foi relatada em 48% dos casos.

UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS

A pesquisa também mostrou que o número de equipamentos nas unidades é insuficiente e que há um grande déficit no quadro de profissionais capacitados para operá-los, além da

inadequação da estrutura física para a instalação e utilização desses aparelhos. Nas unidades de UTI pesquisadas, foi constatado que 251 leitos foram bloqueados em função da falta dos equipamentos mínimos necessários para seu funcionamento, o que corresponde a 11% dos leitos disponíveis. A insuficiência ou ausência das ações patrimoniais dos equipamentos dificulta a adequação e renovação do parque tecnológico das unidades hospitalares.

ESTRUTURA FÍSICA E APOIO

Outro ponto de estrangulamento detectado pela pesquisa foi a infraestrutura desses hospitais, considerada inadequada à necessidade. O mau estado de conservação do imóvel ou a estrutura antiga prejudicam a instalação de novos equipamentos. Entre os hospitais entrevistados, 23% relataram a existência de equipamentos de alto custo não utilizados ou subutilizados por ausência de estrutura física adequada. Outras características dessas unidades comprometem a infraestrutura como: projeto arquitetônico ruim ou defasado, hospitais que ocupam imóveis que foram projetados para outra função, tais como hotel ou unidades administrativas, problemas com lavanderias com equipamentos

velhos ou quebrados e ainda problemas com instalações hidráulicas, elétricas ou de gás. Segundos os gestores hospitalares, as possíveis causas para a não adequação da estrutura física são os problemas com licitações e a falta de recursos financeiros para realizar as reformas necessárias. A deficiência na estrutura física gera perda na qualidade do atendimento prestado, desconforto para pacientes e acompanhantes e redução da capacidade de atendimento hospitalar.

SISTEMAS INFORMATIZADOS

Entre os hospitais visitados, 11% afirmaram não possuir sistemas informatizados e 87% dos que os possuem alegaram problemas na área de TI, tais como instabilidade frequente da rede de computadores, o que foi apontado por 47% das unidades. Na maioria dos hospitais, a tecnologia da informação não fornece suporte adequado para uma boa prestação de serviços, considerando a demanda elevada e a necessidade de um atendimento prestativo. Tal deficiência prejudica significativamente a consistência do banco de dados e o processo de tomada de decisões dos hospitais.

SOLUÇÃO

Mas, como organizar esse sistema caótico? Ajustes radicais na gestão deverão ser feitos através do fortalecimento da cadeia de valor de saúde. Com esses ajustes, fabricantes de produtos farmacêuticos, materiais, insumos e equipamentos médico-hospitalares, distribuidores, hospitais e farmácias poderiam diminuir os seus estoques, reduzir custos e ainda prover informações necessárias para

o avanço tecnológico e aumento do valor adicionado dos produtos fabricados no Brasil.

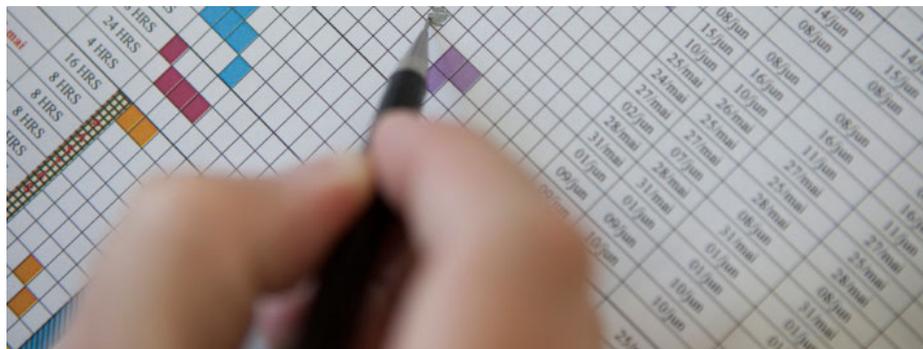
Um estudo da consultoria McKinsey, intitulado "Fortalecendo a cadeia de suprimentos da saúde", e dois livros de Lawton R. Burns, da famosa escola de negócios Wharton, mostram a importância da informatização nos pontos de uso do sistema de saúde para o melhor planejamento.

Apontam também para a importância da definição de padrões comuns de classificação de produtos e processos nesse setor, para possibilitar, a partir das informações sobre o uso dos produtos, a elaboração de estatísticas e planejamento operacional. A colaboração entre os integrantes dos elos da cadeia também seria fundamental para o sucesso desse plano.

PERSPECTIVAS PARA O ANO DE 2014

Segundo o Conselho Federal de Medicina, os investimentos na área da saúde brasileira estão congelados desde 2002. mesmo o teto variando a capacidade de investimento não se altera. Após dois anos do PAC, o governo entregou 1.404 unidades básicas de saúde, o que representa apenas 9% apenas do total de 15.638. unidade prometidas.

A inovação em saúde ganha um polo de tecnologia na USP, que reúne 150 empresas dos segmentos de equipamentos médicos, hospitalares, odontológicos, biotecnológicos, fármacos, cosméticos e saúde animal. A iniciativa prioriza o desenvolvimento tecnológico e a transferência de conhecimento para o setor produtivo. A intenção do polo é criar um ambiente mais propício para a inovação na re-



gião e impulsionar o desenvolvimento científico e tecnológico.

Segundo o ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Clelio Camponila, o governo federal terá novo programa de incentivo à inovação, com o objetivo de financiar projetos de tecnologia e inovação industrial. Serão três editais com objetivos

comuns de financiar aos laboratórios, instituições e universidades para a pesquisa científica e tecnológica.



www.abimed.org.br



www.abraidi.com.br



www.cbdl.org.br



www.abiis.org.br